

O projeto literário do escritor Lobivar Matos

Doutoranda Susylene Dias de Araújo¹ (UEMS – PG UEL)

Resumo:

Deslocar conceitos e deslizes da crítica, como os que fizeram de Lobivar Matos o poeta desconhecido, torna-se um ajuste de contas necessário para a Literatura produzida no Centro-Oeste do país no que diz respeito à limitação geográfica demarcada pelo cânone Modernista Brasileiro. Como aval deste acerto, o projeto literário de Lobivar Matos começa a ser reconstruído, já que rompendo limites, o conjunto da obra deixa de ser próprio para se tornar alheio. Elaborado entre Tessituras, Interações e Convergências, este trabalho pretende discutir questões relativas ao referido escritor e ao conjunto de sua obra, amparado pela tendência da crítica literária voltada para a crítica biográfica e aos estudos culturais, o que confirma a pertinência de uma nova categoria de articulação para o regional.

Palavras-chave: Lobivar Matos, regionalismos, Estudos Culturais, literatura sul-mato-grossense

Introdução

Ao atender a chamada do XI Congresso da ABRALIC e mais atentamente ao confirmar as perspectivas do Seminário Regionalismos e Fronteiras Culturais: articulações entre o próprio e o alheio, este trabalho tem o objetivo de apresentar alguns textos inéditos do escritor Lobivar Matos, e de traçar algumas linhas biográficas que revelem o perfil intelectual do escritor. Os escritos em questão, pertencem ao arquivo lobivariano, ainda em fase de organização, e conforme o estudo revelará o que propomos serve como acerto de contas para aquele que por muito tempo foi paradoxalmente lembrado como o poeta desconhecido. Como o próprio seminário faz reconhecer, *os estudos regionalistas acentuam e recriam os paradoxos entre o local e o global, o centro e a periferia, a metrópole e a colônia, o próprio e o alheio, como modos de articulações em novos discursos* contribuindo para o fortalecimento de uma renovada *categoria trans-histórica*. Elaborado entre Tessituras, Interações e Convergências, este trabalho pretende discutir questões relativas ao referido escritor e ao conjunto de sua obra, amparado pela tendência da crítica literária voltada para a crítica biográfica e aos estudos culturais, já que reconstruindo os passos do autor podemos passamos a perceber a concepção de um projeto que apesar do tempo passado ainda não está perdido. Através da recuperação do arquivo de Lobivar Matos, procuramos demonstrar a importância e os efeitos de uma produção constante para a vida pessoal e intelectual daquele que nos dizeres de José Octávio Guizzo *não fora um homem, fora uma convulsão humana*. (GUIZZO, 1999. p. 60)

1 Os documentos catalogados por Lobivar Matos

Os rascunhos e as anotações constituem-se como prática recorrente a muitos escritores. No caso de Lobivar Matos, além desta observação, o que podemos constatar a partir dos documentos encontrados com a família é a preocupação do autor em catalogar notas da imprensa contendo comentários críticos sobre a sua atuação, além de poemas e crônicas de sua autoria quando publicados.

¹ Susylene Dias de ARAUJO. Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Londrina UEL e Professora da área de literatura da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul UEMS.

E-mail: susylenearaujo@yahoo.com.br.

Do conjunto dos *papéis avulsos* de Lobivar Matos encontram-se fotos, alguns manuscritos e datiloscritos, incluindo um conjunto de mais de 10 contos ainda inéditos, e uma maioria de recortes recolhidos da imprensa da época. Estes documentos quando datados remetem aos anos de 1930 em sua maioria e foram retirados das páginas de importantes jornais que circulavam pelas cidades de Campo Grande e Corumbá no tempo em que o mapa do Brasil ainda não exibia o Estado de Mato Grosso em partes divididas. Assim, destacamos a constante colaboração de Lobivar Matos nos seguintes jornais: Folha da Serra, O Imparcial, A República, O Cruzeiro do Sul, O Futurista, A Tribuna Escolar, e o Progressista, além de sua colaboração no diário Corumbaense, órgão no qual atuou como editor em 1932.

De acordo com a proposta inicial deste estudo, procuramos observar em que medida estes suportes serviram como desenho de um mapa representativo do projeto intelectual do escritor. Ainda em fase de elaboração, este trabalho que resultará em nossa tese de Doutorado a ser concluída no ano de 2009 pela Universidade Estadual de Londrina, destaca aqui como recorte algumas crônicas e poemas publicados pela Folha da Serra, importante veículo de comunicação, símbolo da modernidade que brindava o crescimento da urbanização de Campo Grande. Do conjunto mencionado destacamos a edição de número 23 publicada no dia 26 de agosto, em comemoração ao aniversário da cidade. Neste exemplar Lobivar é mencionado por imprimir nas páginas do jornal o seu Poema a Campo Grande. Neste poema, cuja extensão fica em torno de 50 versos o artista, que almeja ser poeta para obter a licença necessária à arte da poesia, busca a serenidade das palavras simples. Dedicado à cidade que se mostra em flores e fontes, descampados e montes, o movimento do cotidiano começa com a beleza do amanhecer, embalado pelo vai e vem das carroças dos japoneses ganhando casas que se abrem em portas e janelas guardiãs da serenidade de uma cidade promissora. Na sequência dos versos que celebram o lugar pela abundância de suas belezas naturais, a voz do poeta revela *aspectos maravilhosos* que o levam a confessar:

(...) se eu fosse poeta, Campo Grande,
eu não diria nunca que gosto de você
porque seja bonita, seja moderna,
nem porque tenha aspectos maravilhosos...
Não!...Eu diria apenas que gosto de você
porque é boa, é terna,
e guarda no teu seio fecundante
o coração de quatro corações – Minha Mãe!²

Ainda com a intenção de prestar homenagem à sua gente, o poema intitulado A Minha Terra ilustra o reconhecimento do artista, quando o bom sentimento de pertencer ao local vem à tona para dizer:

Acorda, Mato Grosso!...

Quero cantar o colorido
dos teus recantos silenciosos,
dos teus bosques seculares,
das tuas florestas virgens,

Acorda, Mato Grosso!...
Quero cantar o perfume das tuas flores,
a doçura dos teus frutos,
a seiva das tuas árvores.

² MATOS, Lobivar.in: Folha da Serra. Campo Grande, s/d. Fotocopiado.

Mato Grosso,
mundo esquecido n'outro mundo...
Não sou teu filho, por acaso?
Acorda... acorda,
do teu sono de gigante!
Acorda, ó Mato Grosso, ó terra verde!
Acorda, ó Mato Grosso, ó Minha Terra.³

Num momento de maior subjetividade, Lobivar publica o “Poema em Prosa”, dedicado à mulher que já não lhe sorri. Esta mulher que recebe o poema no dia de seu aniversário ganha a declaração amorosa do poeta, que, cansado de ler Shopenhauer, reage contra a melancolia e avança em nome da vida. No entanto, voltam as lembranças para que o triste poeta mais uma vez se deixe evadir, quando a poesia diz: /Um dia, foi por acaso, desviei o meu olhar do céu e te encontrei. //Um dia, foi por descuido, desviei o meu olhar da terra e te perdi. / Em outra oportunidade, ainda motivado pelos desencontros da paixão, Lobivar publica nas páginas da Folha da Serra a poesia da Incerteza, já numa prévia tentativa de demonstrar o quanto as dúvidas da vida lhe traziam ao encontro do sofrimento, conforme o que lemos no poema:

Que será que sinto?!... Que será que tenho?!...
Não sei explicar aos homens,
nem o que sinto...nem o que tenho!...
Ah! Se eu pudesse...
Mas, não sei se os homens compreendem,
nem se sentem o que estou sentindo
nesta alma que sonha, sofre, e que padece!...
(...)
Oh! Força invisível que me faz sofrer
na incerteza de tudo... na incerteza de tudo...

Que será que tenho?!...Que será que sinto?!...⁴

Rompendo os limites da poesia, Lobivar, na persona de intelectual atento às transformações que animavam o Brasil da década de 1930, também se valeu das páginas da Folha da Serra para o exercício de sua atividade como cronista. Nesta oportunidade destaca-se de sua autoria a crônica A Arte e o Ensino. Neste texto, Lobivar assume a própria voz do *sábio boróro* (MATOS, 1935. p.08) de sua tribo para manifestar descontentamento com o tratamento oferecido à arte em Campo Grande. Para Lobivar, os esforços de um sábio Dr. Pery para a abertura da Biblioteca Municipal de Campo grande não valiam os poucos índices de 500 leitores mensais registrados pela casa de leitura. A partir desta constatação o homem das letras reforça o papel da juventude para a movimentação intelectual de um país. Em meio às suas reflexões, dois tempos são lembrados para uma possível comparação a respeito dos usos do idioma nacional:

Antigamente, quando a escola era risonha e franca, (...) os estudantes aprendiam a falar corretamente as suas línguas, sabiam escrever com estilo os seus idiomas e se mostravam interessados às suas letras. (...) os mestres eram sábios além de mestres.

Hoje, falando a verdade, que a escola está mais risonha e franca, os estudantes só se esforçam em aprender línguas estranhas, deixando de lado as Pátrias; não sabem falar nem escrever com clareza os seus dialetos, de maneira

³ Idem.

⁴ Ibidem.

que também não se dedicam com carinho e amor às letras nacionais. (...) hoje, os mestres só tem o título de mestres e mais nada.⁵

Como se vê, para Lobivar Matos, a educação e em especial o uso da língua nos padrões normativos do idioma causavam-lhe ímpetos de um desconforto que só a própria atividade da escrita era capaz de aliviar. A respeito da educação no âmbito nacional, o cronista soube antecipar em quase 70 anos o quadro que hoje constatamos:

O ensino do Brasil é um problema difícil de ser resolvido. É uma operação da qual não se tem um resultado. Por quê? Não devia ser assim, viver assim tão abandonado pelos homens que dizem trabalhar pelo bem do país e pelo progresso do povo. Mas, de quem a culpa? A culpa pertence unicamente aos srs. Ministros que tinham poder e dele não trataram, aos srs. Ministros que tem poder e dele não tratam, aos srs. Ministros que terão poder e dele não iram tratar. Pobre Ensino Nacional, o teu destino é marchar, como sempre, roto, selvagem e quase bárbaro, para a suprema decadência dos séculos.⁶

De certo que as contribuições de Lobivar Matos com a Folha da Serra não esgotam por aqui. A espera de olhares de novos pesquisadores, o acervo da imprensa do Estado de Mato Grosso e hoje de Mato Grosso do Sul ainda conserva muito material para ser analisado. No que diz respeito à compulsão de Lobivar pela catalogação de notas, textos, correspondências, rascunhos e comentários críticos sobre sua atuação como escritor, constatamos de sua atitude um certo desejo de memória. Talvez o escritor, em sua época estivesse abatido por um “Mal de Arquivo”, o que segundo Derrida,

É arder de paixão. É não ter sossego, é incessantemente, interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde. É correr atrás dele ali onde, mesmo se há bastante, alguma coisa nele se anarquiva. É dirigir-se a ele com um desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irreprimível de retorno à origem, uma dor da pátria, uma saudade de casa, uma nostalgia do retorno ao lugar mais arcaico do começo absoluto. Nenhum desejo, nenhuma paixão, nenhuma pulsão, nenhuma compulsão, nem compulsão de repetição, nenhum “mal-de”, nenhuma febre, surgirá para aquele que, de um modo ou outro, não está já com mal de arquivo. (DERRIDA, 2001, p.118)

2 Renda de interrogações: o livro inédito de Lobivar Matos

O ano de 2006 marcou os setenta anos de *Sarobá*, segundo e último título publicado com a assinatura de Lobivar Matos. Um ano antes de *Sarobá*, em 1935, Lobivar Matos havia escrito *Areôto-rare* e estes eram os únicos títulos atribuídos ao autor como constituintes do conjunto de sua obra. O que o público e a crítica desconheciam, no entanto, é que um livro inédito, formatado pelo próprio autor, resistisse ao tempo. Em poder de membros da família Matos, *Renda de Interrogações* reúne 45 composições que evidenciam a dúvida como uma constante à biografia do artista, nesta oportunidade descrita em poesia. Dividido em quatro partes, o livro apresenta poemas de um Lobivar bastante singular, se compararmos os devaneios poéticos de *Renda*, com o eco dos parias e excluídos que ganham vozes em *Sarobá*, referência ao bairro de negros da Cidade de Corumbá, lugar descrito pelo próprio Lobivar Matos como *a mancha negra bulindo na cidade mais branca do mundo*. (MATOS: 1936, p. 6). Nesta ocasião, apresentaremos alguns dos momentos em que o artista se revela, para que numa intimidade muito particular, a poesia possa atender ao profundo apelo do eu. Nesta condição, contando apenas consigo mesmo, o poeta que se rende aos preceitos da lírica moderna *está só com sua linguagem*. (FRIEDRICH: 1991, p. 139). Com *Renda de Interrogações*, Lo-

⁵ MATOS, Lobivar. Ver A arte e o ensino. Crônica publicada pela Folha da serra. s/d no documento consultado.

⁶ Idem.

bivar duvida da própria vida e já nos versos que introduzem a obra, dirigidos à sua mãe, ouvimos a voz de quem segue sozinho / fugindo à ingratidão dos homens e do mundo/. Eis a primeira parte da renda poética lobivariana, bordada pela subjetividade das paixões e das indagações, traçada a partir das *mãos nervosas do Destino*,⁷ e entregue ao poeta que diz: /a minha vida é bem/ / uma renda de interrogações/ / interrogações de todos os tamanhos... / /interrogações, interrogações/. [s.n.d] Mesmo com tantas interrogações, já nas primeiras páginas do livro, só ao leitor nada resta a contestar, o poeta está apaixonado, e a mulher que o inspira para este sentimento, é uma só, apesar das múltiplas faces que os poemas oferecem. A musa de Renda é o próprio poema, (...) / um poema esquisito// que Deus imaginou// e que um dia, o Diabo escreveu// no livro de minha vida... // Você é um poema tão bonito, // que até me faz chorar... // Você é um poema suave, delicado, // cheio de expressão, cheio de carícias// que leio de manhã, releio à tarde, // torno a ler à noite, // acho bonito a vida inteira, // sem compreendê-lo nunca./ [s.n.d] declara o poeta. Num outro momento, esta mesma mulher que passa pelas tarde compridas de novembro, indiferente ao olhar cansado do artista que a observa, faz com que o enamorado que evade, na esperança de tocar-lhe os pés, tenha o desejo louco de “mineralizar-se” para transformar-se em terra. Na sequência, a segunda parte do livro evoca a saudade, para que esta sensação assuma a personificação da musa que canta à janela de um enfermo coração apaixonado. / - De quem será essa voz tão triste/ / que está cantando, baixinho.../ Será a voz da saudade?...talvez.../ /Mas saudade de quem?...de que?.../ / Ah! Sim, é a voz da saudade... // Saudade daquela que esperei por longos anos// saudade daquela que não vem e não virá jamais. [s.n.d] Felicidade, esta se transverte no corpo da mulher que passa: / Um dia, // numa esquina da Vida// a Felicidade passou por mim, toda de branco, // com seu corpo que era uma tentação// e me olhou com olhos de desejo// e me sorriu com o seu riso de pecado// Você passou por mim, meu amor// assim como a Felicidade/. [s.n.d] Com esta mesma motivação, um amor etéreo e quase impossível faz com que Lobivar retome o mito da criação da humanidade para contar em versos a saga do homem, sinônimo de infortúnio, e da mulher, razão do pecado original. Estamos na terceira parte de *Renda de Interrogações* e neste episódio, o homem, criado como uma flor no jardim do céu é colhido pelas mãos de uma mulher divina chamada Felicidade. Na sequência, o assalto do homem pela mulher, cena observada apenas por um velho de cabelos brancos, o Destino. Desconsertada por sentir-se vigiada, a mulher deixa que o macho flor caia no chão para que o resultado desta celeste peripécia seja resumido pelo poeta: / É por isso que a felicidade vive presa lá no céu /e que o homem anda rolando aqui na terra/. [s.n.d] Ainda pertencente ao terceiro grupo de poemas do livro, destacamos Pedras e Ilusões, instante em que o poeta alcança o tom memorialista para retomar o tempo da infância, como lembrança das pedras que recolhidas das ruas eram empilhadas no terreiro de sua casa para mais tarde serem transformadas em ilusões amontoadas pela vida. No poema, o monte de pedras frias desmanchado pelo pai do menino, dá lugar ao bloco mudo de ilusões defeito pelo Mundo, pai do homem adulto. Nos versos finais, as pedras são frias e as ilusões são mudas conforme se lê: /Pedras – ilusões que ajuntei na minha infância!// Ilusões – pedras que atirei na minha juventude!/. (s.n.d.) A quarta e última parte de *Renda de Interrogações* inicia-se com o poema dedicado à cidade de Campo Grande, aqui já mencionado como um poema avulso publicado pela Folha da Serra. É a modernidade da jovem cidade que se abre aos olhos do errante poeta. Na sequência, o poeta desconhecido de *Areôtorare*, observa o Bêbado Desconhecido que vagueia pelas ruas sem saber ao menos se caminha na noite ou de dia. Um bêbado que no ziguezaguear segue ao léu, acompanhado pelo olhar piedoso do poeta que tomando a direção oposta, se vê nas temeridades do destino: aquela figura dolorosa//que ziguezagueava pelas calçadas desertas// das ruas frias, silenciosas... // Quando ele desapareceu numa esquina da rua, // comecei a andar, olhando o céu e fui andando, // andando... bêbado de dor, pensando// na irresistível força do destino/. (s.n.d) No arremate da Renda o Último

⁷ [s.n.t] . Para esta referência seria importante lembrar que a única versão do livro, em datiloscrito encontra-se em poder de alguns membros da família Matos. Na realização de nossa pesquisa, apenas uma cópia fotocopiada nos foi disponibilizada.

Verso dá nome ao último poema da série. Nesta oportunidade, a poesia exala sofrimento e certo sentimento niilista toma conta da dor de quem diz:

Hoje vejo a inutilidade do meu sofrimento,
a inutilidade das horas que passei escrevendo
versos que não são meus, versos que não saíram
da serenidade de minh'alma
versos que não falam de minha vida de boêmio, versos que não falam da a-
legria estuante//
que espalhei pelas salas iluminadas.
(...)hoje vejo a inutilidade de tudo...
porque hoje que sou assim são triste,
e que tão triste na verdade é minha vida
eu ando insensível pisando sobre as pedras aduncas,
de um caminho tapetado de flores:
hoje que os homens invejosos
começaram a lançar pedradas sobre minha cabeça:
hoje que tenho caudais de lágrimas nos olhos
hoje insensível a tudo...indiferente a tudo,
já não sinto nada...já não sinto nada...
Vou queimar os versos tristes que escrevi sorrindo,
quando a vida era um sonho e o mundo um paraíso.⁸

Desta forma, chegamos às pontas finais da Renda tecida pelas Interrogações de Lobivar Matos. Por fim, uma sensação de alívio nos consola, pois embora pretendesse, o poeta não cumpriu a promessa de queimar os 45 poemas que compõem a obra que hoje deixa de ser inédita para receber novos leitores. Permeado pelas experiências biográficas do poeta descritas em poesia, este livro que por ora se junta ao todo da produção lobivariana, permite, além da consideração analítica do texto que se torna conhecido, que o exercício da crítica biográfica, nos dizeres de Eneida Maria de Souza atenda à *necessidade de diálogo entre a teoria literária, a crítica cultural e a literatura comparada, ressaltando o poder ficcional da teoria e a força teórica inserida em toda ficção*. (SOUZA, 2007, p. 113)

Conclusão

Diante do exposto, surgem perguntas para as quais ainda não temos respostas satisfatórias. Teria Lobivar Matos a intenção de publicar suas obras completas? Seriam suas catalogações o projeto inicial de uma obra a ser escrita? Como se comportava o autor diante dos comentários da crítica destinados à sua escrita? Seria a sua tentativa de arquivamento apenas um suporte de um tempo a ser preservado? Por certo, não seremos precisos no atendimento de algumas destas indagações, mas certamente o que buscamos, além da apresentação de partes da obra inédita, é chamar a atenção para a necessidade da publicação de *Renda de Interrogações* como tentativa de recomposição daquilo que tentamos reconstruir como o projeto literário e intelectual do autor Lobivar Matos.

Referências Bibliográficas

[1] DERRIDA. Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

⁸ MATOS. Lobivar. S.n.d. Conforme nota 7 deste escrito.

- [2] FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da Lírica Moderna**. Trad. M.M. Curioni e D.F da Silva. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1997.
- [3] GUIZZO, José Octávio. Lobivar de Matos: a ilusão e o destino do poeta desconhecido. In: **Gri-fo**, Campo Grande, n.5, p. 57-60, 1979.
- [4]MATOS, Lobivar. **Areôtorare Poemas Boróros**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1935.
- [5] MATOS, Lobivar. **Sarobá**. Rio de Janeiro: Minha Livraria Editora, 1936.
- [6] SOUZA. Eneida Maria de. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.